

Considerações sobre as origens europeias do campo da Comunicação¹

Karine Santos Sousa²
Marcus Vinícius Gomes³
Rodrigo Barros Mendonça⁴
Susanne de Melo Moreira⁵
Rafiza Varão⁶

Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

Resumo

Este artigo tem como objetivo esquadrihar o pioneirismo europeu no que diz respeito à origem dos estudos sobre comunicação e à própria formação do campo da Comunicação. Trata-se de responder à pergunta: as pesquisas europeias do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX sobre processos comunicacionais e meios de comunicação podem ser consideradas como marcos genealógicos para a reflexão teórica sobre comunicação? Para respondê-la, foi utilizada como método a pesquisa bibliográfica, a partir da bibliografia da obra *Propaganda technique in the World War*, de Harold Lasswell. Como conclusão, aponta-se para a importância que os estudos europeus acabaram tendo sobre a pesquisa estadunidense, considerada pela historiografia tradicional do campo, muitas vezes, como a origem do campo da Comunicação.

Palavras-chave: teorias da comunicação; campo da comunicação; história; pesquisa europeia; pesquisa americana.

Introdução

As origens do campo da Comunicação, questão que interessa sobretudo aos estudos epistemológicos, não são exatamente visíveis ou bem demarcadas. Assim como não há consenso sobre quais teorias pertencem ao escopo do que chamamos de teorias da comunicação (cf. MARTINO, 2004, por exemplo), também há múltiplas versões sobre quais seriam os marcos históricos referentes ao aparecimento da reflexão sobre os fenômenos comunicacionais. Contudo, uma visão se sobrepõe às demais: a de que a pesquisa científica sobre comunicação se consolida, de fato, em terras ianques.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, email: karinesantos94@live.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, email: marcus.gomes.ufsc@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, email: rodrigobarr@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, email: susannemelo@gmail.com

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, email: rafiza@gmail.com.

Normalmente, a historiografia tradicional do campo, escrita especialmente por autores estadunidenses, afirma que este assume caráter científico nos Estados Unidos, durante o século XX, tendo passado por um estágio pré-científico com a teoria hipodérmica e alcançado maturidade científica com a teoria do fluxo de dois passos, capitaneada por Paul Lazarsfeld. Dessa forma, a teoria da agulha hipodérmica figura como primeira tentativa de reflexão sistematizada acerca dos processos de comunicação, enquanto o modelo *two step flow* representa a primeira teoria científica sobre processos comunicativos.

De modo quase geral, portanto, o que se tem é um cenário marcado pelo passado norte-estadunidense, em que se desconhece possíveis construtos teóricos postulados em países cujos registros sobre a história do campo não são tão presentes. As grandes exceções aí ficam por conta dos estudos de linguagem, provenientes da semiótica e da semiologia, e da onipresente Escola de Frankfurt.

Este artigo tem como objetivo perscrutar um pouco mais as origens europeias da pesquisa em comunicação, partindo mais especificamente do que Harold Lasswell sustenta no pequeno texto que antecede a bibliografia de sua tese, *Propaganda Technique in the World War*, de 1927, apontada como o primeiro exemplar da pesquisa sobre comunicação nos Estados Unidos. Segundo Lasswell, seu trabalho só pôde ser realizado exatamente porque havia pesquisas anteriores (LASSWELL, 1938, p.223). Em sua bibliografia, o cientista político lista obras que seriam essenciais para o estudo da propaganda (que só posteriormente seriam chamados de comunicação) e que são expostas como o *background* sobre o qual foi erigida sua tese.

Partindo dessa bibliografia, a intenção aqui⁷ é perceber de que maneira os estudos europeus se voltaram inicialmente aos fenômenos da comunicação. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de modo a verificar quem eram e de onde vinham os autores que formaram a base para a primeira tese de doutorado sobre propaganda nos Estados Unidos.

Essa percepção nos ajuda a compreender de forma mais completa a eclosão do pensamento sobre a comunicação entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX como resultado da evolução da reflexão científica sobre a sociedade industrial e seus meios de comunicação – e perceber que ela não é exclusividade estadunidense, antes influenciou os pesquisadores daquele país.

⁷ Este artigo é fruto do projeto de pesquisa financiado pelo CNPq “Mapeamento de autores-referência em comunicação, opinião pública, propaganda e publicidade em período anterior a 1927: um levantamento histórico a partir de Técnicas de propaganda na Guerra Mundial, de Harold Lasswell”, do qual os alunos são orientandos de Iniciação Científica, sob a coordenação da professora Rafiza Varão.

Achegas às origens: revendo a versão majoritária

Em 1959, Bernard Berelson, no artigo *The state of communication research*, estabelece quatro autores como fundadores do campo: Harold Lasswell, Paul Lazarsfeld, Carl Hovland e Kurt Lewin – autores que não tinham a menor intenção de fundar um novo campo, apenas pesquisaram sobre os fenômenos comunicacionais para suas áreas de origem. Wilbur Schramm, em 1963, na obra *Human Communication Research*, reafirmou esta ideia, pois segundo ele, esses autores apresentaram importantes conceitos que ajudaram na construção do campo da Comunicação, representando seus marcos principais. Essa visão foi propagada de forma ostensiva e se tornou a principal maneira de se contar a história da área da Comunicação.

Ao reunir os quatro em sua obra como “pais fundadores”, Schramm começa uma obra especificamente voltada ao saber comunicacional e, além disso, iniciou programas de doutorado em Comunicação nas universidades de Illinois (1947) e Stanford (1955), indicando a possibilidade de se perceber a comunicação como um campo autônomo. Por esse motivo, foi classificado como o próprio fundador do campo comunicacional, enquanto Lasswell, Lazarsfeld, Hovland e Lewin aparecem, agora, como precursores – não sendo ignorados como clássicos – , por causa da falta de intencionalidade (VARÃO, 2010, p. 79).

Quando se fala em pesquisa e teorias da comunicação, sua história e sua constituição, muitos retomam a ideia dos quatro fundadores da pesquisa americana, já citados. Como mostrado, pode-se supor que a pesquisa em comunicação e seus métodos foram criados nos Estados Unidos. No entanto, o que precisa de uma discussão mais aprofundada é a influência de autores europeus, desde a criação da Escola de Chicago, na pesquisa em comunicação. E os estudos de origem europeia são notórios, basta olhar a vasta obra de grandes autores, como Adorno, Horkheimer, Benjamin, Habermas, Morin, Barthes, Bordieu, Lévy e outros, que o velho continente deixou como legado.

O século XIX assistiu à ascensão dos chamados meios de comunicação de massa, principal forma de comunicação social na sociedade industrial, trazendo problemas científicos importantes para as recém formadas Ciências Sociais, cujo mote de investigação era justamente a vida nessa sociedade que se formou após a Revolução Industrial. A comunicação de massa era uma questão emergente e que precisava ser avaliada.

O século XX, além de marcado pelas duas Grandes Guerras, teve a marca dos avanços tecnológicos e uma intensa disseminação no que se refere à produção e difusão

cultural. Entre as novidades, estava a televisão; e todos os novos inventos, além de alterar a rotina da sociedade, fez também com que os acadêmicos voltassem seus olhares aos novos fenômenos que surgiam paralelamente (PAIVA, 2008).

Isso não significa afirmar que não se falava em comunicação antes desse período. Mesmo que a história das teorias comunicacionais tenha se desenvolvido e sido marcada por pensamentos e pesquisas feitas na contemporaneidade, na Antiguidade Clássica alguns filósofos – Aristóteles é um deles – já conceituavam práticas de comunicação, como técnicas de discurso e oratória. França, ao comentar sobre os estudos modernos, traz uma visão que pode ser refletida, inclusive, em períodos ainda mais atuais.

Tais estudos estavam intimamente ligados a motivações de ordem política e econômica: por um lado, a expansão da produção industrial e a necessidade de ampliar a venda dos novos produtos (de estimular a formação e a ampliação dos mercados consumidores) estimula o investimento em pesquisas voltadas para o comportamento das audiências e para o aperfeiçoamento das técnicas de intervenção e persuasão. Por outro lado, a reacomodação do mundo sob o impacto da fase monopolista do capitalismo, bem como a ascensão dos Estados Unidos como grande potência imperialista, atribuem à comunicação em papel estratégico. (FRANÇA *apud* PAIVA, 2008, p.5).

O período de guerras (e também entre guerras) é um bom exemplo, pois ofereceu à comunicação mais visibilidade e notoriedade para as ciências e tanto os avanços tecnológicos, quanto as necessidades políticas foram fundamentais para isso. Um exemplo clássico foi a propaganda nazista. Lasswell (1927), em sua obra *Propaganda Technique in the World War*, chamou a propaganda de “instrumento mais novo e sutil tem de caldear milhares até milhões de seres humanos em uma massa amalgamada de ódio, vontade e o aço do entusiasmo belicoso”.

Um dos paradigmas que mais ganhou força nesse período, segundo Paiva (2008), foi a Teoria da Agulha Hipodérmica (ou Teoria da Bala Mágica), que é baseada no “estímulo-resposta”, proveniente da psicologia behaviorista. Essa teoria traz a ideia de passividade do receptor – a audiência – às mensagens recebidas e, logo, o poder de persuasão dos comunicadores sobre eles. Além disso, a “massa” recebe a mensagem igualmente, com estímulos que surgem imediatamente. Esse pensamento serviu de “conceito-base” para outras teorias que se relacionavam com as massas e que não levavam em conta os contextos atuais. Esses novos pensamentos, a partir de um paradigma que nasceu descontextualizado, surgem com grandes chances de falha.

A teoria hipodérmica é vista como o ponto inicial da tradição da *mass communication research*, voltada para a otimização dos processos comunicacionais

mediatizados e cujas correntes mais fortes foram a teoria funcionalista (conforme definido por WOLF, 2002) e a teoria do fluxo de dois passos (ou teoria do líder de opinião).

Reagindo a essa visão sobre os *mass media*, a Escola de Frankfurt se destaca também com teóricos críticos e com a conhecida teorias crítica. Esse novo pensamento surge em contraposição à perspectiva americana que iguala a audiência; traz uma reflexão sobre a manipulação ideológica realizada pelos meios de comunicação de massa e também sobre a “mercantilização da cultura”.

Adorno, Horkheimer, Benjamin, Kracauer e Harbermas foram expoentes dos frankfurtianos. O grupo de pesquisadores adotava como temas em suas discussões processos civilizadores modernos, política, arte, música, progresso técnico, literatura e o cotidiano. A partir de tais estudos, os pensadores abordaram também a importância dos meios de comunicação e sua relação com a cultura de mercado. Compreendendo o processo comunicacional como mediação da realidade da social, os estudiosos muniram-se do objetivo de entender fenômenos midiáticos como parte de uma relação social maior, ou seja, eles possuíam um projeto de elaborar uma teoria crítica da sociedade (PAIVA, 2008, p.6).

Em 1947, então, nascia o conceito **indústria cultural**, formulado por Adorno e Horkheimer. Esses autores acreditavam que a sociedade estava se desenvolvendo muito baseado em um sistema político e econômico, além de mobilizada por meio de um “consumo estético massificado, articulado pela indústria cultural”. A cultura de massa, movimentada pelos meios de comunicação, era algo a ser combatido, não otimizado.

Vale lembrar que, para os frankfurtianos, a mídia nunca possuiu o poder “hipodérmico” de implantar noções em sua audiência. Para eles, o que acontecia na relação mídia-receptores era sim uma relação de consumo. A prática da indústria cultural se faz real graças a mecanismos sociais de compra e venda, oferta e procura – mecanismos estes que estão presentes no sistema capitalista vigente na sociedade ocidental até hoje. (PAIVA, 2008, p.8)

Entretanto, como entre as décadas de 10 e 30 do século XX os Estados Unidos investiram muito na pesquisa comunicacional e nas teorias sobre propagandas (entre elas, a Teoria Hipodérmica), foram considerados os “pais fundadores”, como os pioneiros em pesquisa em comunicação. Elihu Katz foi um deles e diz que a “pesquisa em comunicação [...] é com certeza uma ciência americana. Floresceu [...] sob a influência dos pais fundadores” (KATZ *apud* VARÃO, 2010).

Além disso, “a defesa da nacionalidade Americana também levou à irreflexão sobre as influências europeias e de suas adaptações feitas pelos próprios pais fundadores” (VARÃO, 2008). Pouco se levou em conta que estes pesquisadores, ícones da escola americana, complementaram suas formações no continente europeu e, conseqüentemente,

foram influenciados pelas correntes de pesquisa da época, sobretudo o alemão. O sociólogo Kurt Lang faz um relato sobre isso:

Em um artigo anterior feito por mim (1979) fiz um raciocínio similar, mas em um contexto diferente. Aquele artigo argumenta que muito do que foi definido pelos europeus como característica da pesquisa estadunidense em comunicação (mais ou menos definido por Katz) foi introduzido nos Estados Unidos pelo Velho Mundo, na maioria por alemães (incluindo os Austríacos), ou por estaduindenses que estudaram na Alemanha ou foram influenciados pelo trabalho da Europa central durante o primeiro terço do século XX. Kracauer, Lowenthal, Ernest Kris, Hans Speier, Herta Herzog, Kurt Lewin e Karl Deutsch deveriam der sido reconhecidos pelos estudantes de comunicação de massa. Eles tiveram muita influência na reconstrução da educação logo após a segunda guerra mundial, reconstrução essa da qual sou membro. (LANG, 1996)

No mesmo artigo, Lang afirma ainda que, além dos pesquisadores terem sofrido influências europeias, também os métodos de pesquisa o tiveram. “Muitas técnicas que agora são consideradas americanas se desenvolveram na Europa há 50 ou 100 anos atrás e então exportada para os estados unidos depois de serem refinadas e manejáveis para usar em escala de massa” (LAZARFELD *apud* LANG, 1996).

Assim, na verdade, as primeiras análises sobre a comunicação de massa são do final do século XIX e início do século XX, avindas do campo da sociologia e política e até mesmo da economia. Karl Knies, economista alemão publicou um livro sobre o impacto econômico da mais nova tecnologia inventada à época, o telégrafo. Posteriormente, esta obra serviria de referência nos estudos de Richard Kielbowicz, na universidade de Washington (LANG, 1996).

Também nessa época surgiram muitos estudos no Velho Mundo sobre a opinião pública e o papel da imprensa na sociedade. Autores europeus como Karl Buecher, Ludwig Salomon, Emil Loeb, Ferdinand Toennies, Gustave Le Bon, Francis Hirst e Gabriel Tarde construíram uma pioneira e vasta obra que, anos mais tarde, grandes nomes da Escola de Chicago usariam como referência para suas próprias pesquisas.

Os europeus na rota da pesquisa estadunidense

A base científica e teórica de um determinado campo do saber, não surge, em geral, do nada. Há os predecessores das primeiras ideias, aqueles cujas obras acabaram por contribuir com a inspiração dos pioneiros para que estes começassem a dar os primeiros passos no delineamento de uma determinada ciência. No caso em questão, da Comunicação.

Contudo, esta área ainda não é passivamente aceita como uma ciência autônoma, de contornos bem definidos. Apesar de haver muita pesquisa em Comunicação, não há lugar de destaque para estudos sobre seus fundamentos. Uma prova disso é a enorme quantidade de teorias e produção acadêmica sobre o tema. Para Martino, esses fatores, somados à falta de qualidade de tais reflexões, são uma dificuldade para a compreensão desta área do conhecimento. Para fortalecer seu argumento, ele cita Bernard Miège, para quem o campo da comunicação já alcançou um bom nível de elaboração teórica sobre seus fenômenos, porém, “o pensamento comunicacional não está unificado, nem pronto para se apresentar como tal” (MIÈGE *apud* MARTINO, 2003, p. 54).

Como campo do saber ou disciplina de estudos acadêmicos, a Comunicação precisa encontrar seus fundamentos, sua origem, seu objeto de estudo. Em outras palavras, para alcançar autonomia, ela precisa se definir com precisão. Porém, para muitos estudiosos do assunto, isso ainda não aconteceu. “Seja como campo ou disciplina, a Comunicação tem, incontestavelmente, graves dificuldades de definição, apontadas aqui e ali por seus mais renomados pesquisadores” (MARTINO, 2003, 57).

É o próprio Martino quem defende uma solução para o problema do estabelecimento do saber comunicacional: deve-se trabalhar por uma sistematização de todas as teorias já existentes. Um passo importante para que se alcance esse objetivo, qual seja, descobrir as origens da pesquisa do campo comunicacional, é fazer um levantamento bibliográfico de todos os autores e obras que tenham inspirado os primeiros pesquisadores desta área que, por sua vez, sejam os responsáveis pelas primeiras teorias que “ditas” da Comunicação. “A sistematização das teorias de um dado domínio do saber é uma necessidade intrínseca a qualquer saber de natureza filosófico-científico” (MARTINO, 2003, p. 61).

Uma iniciativa nesse sentido foi feita pela pesquisa de Rafiza Varão, que realizou um levantamento dos autores que Harold Lasswell utilizou em seus estudos para a elaboração de sua tese de doutorado: *Propaganda Techniques in the World War*, publicada em 1927. A escolha deste autor, em especial, é sem dúvida alguma uma opção segura no que diz respeito ao objetivo da referida pesquisadora, uma vez que o papel pioneiro dele nas pesquisas científicas é informação constante nos principais manuais sobre teorias da Comunicação.

Na pesquisa foram identificadas as nacionalidades e áreas de atuação dos autores que Lasswell referenciou como os fundamentais para que os temas abordados em sua tese pudessem ser melhor compreendidos. Em outras palavras, buscou-se identificar a existência

ou situação da pesquisa sobre temas relacionados à Comunicação antes de 1927. Assim, o resultado da exploração sobre os estudos preparatórios do autor para sua tese de doutorado resultou “não só um vasto quadro de suas influências ou referências, mas uma pequena fresta que se abre em direção ao passado do campo da Comunicação, e às bases daquilo que teria fomentado seu desenvolvimento” (VARÃO, 2014, p. 145).

Constatou-se que a maioria dos autores consultados para a elaboração de *Propaganda Techniques in the World War (1927)* são de origem europeia (44%), enquanto os estadunidenses representaram 22% do total, restando uma minoria de outras nacionalidades. Dentre os europeus, destaca-se a participação dos alemães (tendo o próprio Lasswell feito grande parte de sua pesquisa para o doutorado em território germânico), seguidos por um bom número de participantes dos Estados Unidos e da França.

A lista de referências de Lasswell possui muitas obras sobre propaganda e opinião pública escritas em línguas tão variadas que muitas delas não costumam constar nas obras especializadas em teorias da comunicação. Como destaque, podemos citar a Rússia e as Filipinas. Todavia, conforme já dito anteriormente, são autores de origem europeia que prevalecem em quantidade: 19% da Alemanha, 12% da França, 9% do Reino Unido, 3% da Itália, 1% da Áustria e 1% da Rússia.

Tais porcentagens corroboram a ideia presente em *The European Roots*, de Kurt Lang, já citada aqui: muito daquilo que se considera originalmente estadunidense é, na verdade, oriundo do Velho Mundo.

No que tange ao aspecto disciplinar dos autores referenciados em *Propaganda Techniques in the World War (1927)*, a pesquisadora concluiu que a maior parte das obras é de um período classificado como pré-científico. Esta classificação é obra de Martino, que defende o surgimento do campo comunicacional como decorrência do desenvolvimento dos modernos meios de comunicação, o que ocorreu a partir da metade do século XVIII.

Mas o verdadeiro debate se instaura junto mesmo com a consolidação da imprensa ainda na primeira metade do século XIX, quando é cunhada a expressão ‘quarto poder’. Inaugurava-se, assim, um novo setor do conhecimento, com novos personagens, como o intelectual e as figuras públicas que se engajam em um amplo debate em torno das questões da atualidade. Nesse período, o campo comunicacional se confunde com a discussão da própria atualidade, não havendo ainda um recuo teórico, necessário à elaboração de um conhecimento específico. Essa etapa é marcada pela liberação do objeto de estudo, ou seja, a formação histórica de um processo comunicacional singular, isto é, a própria atualidade como produto da atividade dos meios de comunicação (MARTINO, 2006, p.41).

O resultado da pesquisa de Varão corrobora o preconizado por Martino. Segundo ela, os primeiros textos da bibliografia da tese de Lasswell datam do século XVIII e os últimos estão compreendidos dentro do período de 1900 a 1920. Era evidente a preocupação das instituições com o desenvolvimento e o aumento do poder dos meios de comunicação graças à “presença de religiosos da Igreja Católica, militares e políticos de forma constante, tendo sempre como preocupação a ação da imprensa e seu impacto na formação daquilo que começa a ser chamado de opinião pública” (VARÃO, 2014, p. 162).

A autora não deixa de perceber o interesse que o incipiente campo comunicacional, principalmente no tocante a temas ligados à propaganda e opinião pública, faz nascer em diversos setores da sociedade. Sua análise verificou que dezessete diferentes áreas produziram conhecimento sobre comunicação. Contudo, ressalta que a maior parte teve origem na prática diária dos jornalistas, e não das universidades. Escritores, juristas, médicos, militares, políticos, filósofos, empresários, publicitários, relações públicas e até artistas produziam sobre a atividade comunicacional, o que nos faz concluir que a pesquisa sobre Comunicação não se originou de um esforço consciente para compreender os impactos que os meios de comunicação estavam tendo na sociedade.

Especialistas de várias áreas diferentes do conhecimento humano trataram do assunto em suas obras. Porém, Varão (2014) destaca que aqueles estudos de caráter científico mais específico se tornaram mais permanentes, pois alguns nomes citados na bibliografia de Lasswell passaram a ser presença constante nos debates ligados à comunicação de massa, principalmente aqueles ligados à Psicologia e à Sociologia, que tiveram um peso enorme na divulgação do conhecimento comunicacional às gerações posteriores de estudiosos, impulsionando os estudos sobre temas e fenômenos da comunicação.

Conclusão

A partir do exposto neste trabalho, foi possível perceber que os estudos e textos produzidos em solo europeu foram fundamentais para a formação de um pensamento sobre a comunicação, apesar da historiografia tradicional do campo apontar, na maioria das vezes os Estados Unidos como berço da pesquisa em Comunicação. Além disso, como o próprio Harold Lasswell asseverou, quando sua tese de doutorado foi elaborada, já havia materiais importantes realizados sobre propaganda e sobre temas que seriam posteriormente

reconhecidos como pertencentes ao campo da Comunicação, como opinião pública, jornalismo e publicidade, por exemplo.

Esses trabalhos, obviamente, se encontravam dispersos, sem denominadores comuns, uma vez que o campo em si só passaria a ser realmente reconhecido a partir da institucionalização realizada por Wilbur Schramm – e pelo trabalho do corpo de pesquisadores que atuaram junto ao governo estadunidense, durante a Segunda Guerra Mundial, capitaneados por Lasswell. Além disso, parte desses trabalhos carece de fundamentos científicos, ficando muitas vezes restritos ao âmbito filosófico ou mesmo ao âmbito da opinião.

Entretanto, ao serem apontados por Lasswell como a base de as tese, esses materiais se revelam como importantes pistas sobre a gênese do saber comunicacional, partindo da observação do senso comum, a princípio, e rumando posteriormente a reflexões mais elaboradas. As obras listadas pelo cientista político influenciaram uma geração de pesquisadores nos Estados Unidos e muitos deles poderiam esclarecer pontos fundamentais quanto à formulação do pensamento comunicacional entre o século XIX e XX.

Neste texto, espera-se que tenhamos aberto uma pequena porta de acesso ao passado do campo que vá um pouco além do conhecimento das correntes estadunidenses de pesquisa, e que faça perceber a confluência entre o que a Europa produziu durante o período citado acima e o que posteriormente foi rotulado de *mass communication research*.

Referências

DENNIS, Everett E. & WARTELLA, Ellen. **American Communication Research: The Remembered History**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1996.

LANG, Kurt. **The European Roots**, in Everette E. Dennis and Ellen Wartella, eds., *American Communication Research: The Remembered History* (pp. 1-20). Mahwah, NJ: Erlbaum, 1996.

LASSWELL, Harold. **Propaganda Techniques in World War**. Nova Iorque: Peter Smith, 1938.

MARTINO, L. C. **Abordagens e Representação do Campo Comunicacional**.

Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo), v.3, p.33-54, 2006.

MARTINO, Luiz Cláudio. **Cepticismo e inteligibilidade do pensamento comunicacional**.

Galáxia, v. 3, n. 5, p. 53-67, 2003. Disponível em:

<<http://repositorio.unb.br/handle/10482/12217>>. Acesso em: 20 out. 2015.

- MARTINO, L. C. **História e identidade:** apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. E-Compós (São Paulo), v.1, p.1-17, 2004.
- PAIVA, Bruno Mourão. **A comunicação como objeto e como teoria:** uma breve análise teórico da comunicação social. Estação Científica, Juiz de Fora, v. 6, n. 6, p.1-9, out. 2008. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/3304353/1-a-comunicacao-objeto-como-teoria-breve-analise-teorico-comunicacao-social.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.
- VARÃO, Rafiza. **Sobre clássicos, tradição e o campo comunicacional.** Estudos em Comunicação, v.5, p.227-239, 2009.
- VARÃO, Rafiza. **Notas sobre o mito dos quatro fundadores:** coisas que ninguém viu e pensamentos que ninguém teve. Líbero (FACASPER), v. 13, p. 77-86, 2010.
- VARÃO, Rafiza. **Autores-referência em comunicação: um levantamento a partir de *Propaganda Techniques in the World War*, de Harold Lasswell.** Comunicologia. Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília, Brasília, n. 1, vol. 7, 2014. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewArticle/5636>>. Acesso em: 20 out. 2015.